

A
A GAROTA
DA CASA
DA COLINA
LARISSA BRASIL



monomito

São Paulo, 2019

A garota da casa da colina

Todos os direitos reservados

©Monomito Editorial, 2019.

©Larissa Brasil, 2019.

Edição

Adriana Chaves

Preparação de texto

Toni Moraes

Capa

Francisco Martins – Project Nine Editorial

Diagramação

Rodolfo Pomini

Arte interna

Lucas Dallas

Revisão

Monomito Editorial

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
(Decreto Legislativo Nº 54 de 1995).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

B823g Brasil, Larissa

A garota da casa da colina / Larissa Brasil. - São Paulo : Monomito
Editorial, 2019.

320 p. ; 14cm x 21cm.

ISBN: 978-65-80505-02-9

1. Literatura brasileira. 2. Romance. 3. Suspense. I. Título.

CDD 869.89923

2019-811

CDU 821.134.3(81)-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Romance 869.89923
2. Literatura brasileira : Romance 821.134.3(81)-31

São Paulo, 2019.

Todos os direitos desta edição reservados à

Monomito Editorial

facebook.com/monomitoeditorial

@monomito.editorial



monomito

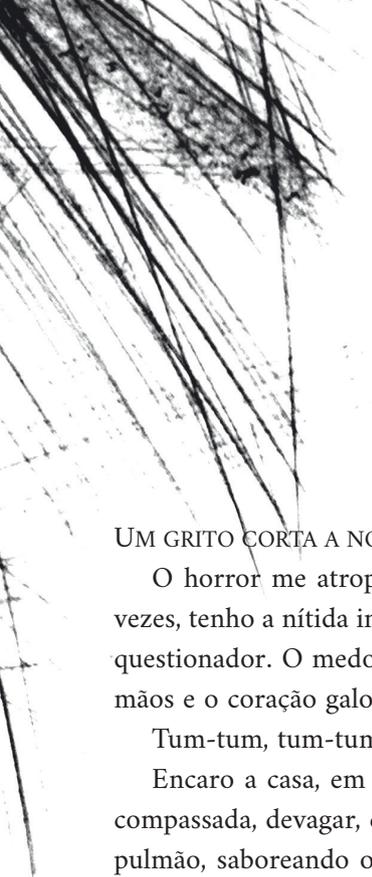
Para as mulheres da minha vida:
Ordália, Audízia, Lorena, Laura,
Ana Clara, Manuela e Clarice.

“No inconsciente, não existe o conceito de tempo,
de certo e errado e não há contradição.”

Sigmund Freud

“Nenhum organismo vivo pode existir muito tempo com sanidade
sob condições de realidade absoluta.”

Shirley Jackson



PRÓLOGO

UM GRITO CORTA A NOITE.

O horror me atropela quando olho para o sobrado, meu lar. Às vezes, tenho a nítida impressão de que ele me olha de volta, sinistro e questionador. O medo se impregna em mim, o suor empapa minhas mãos e o coração galopa disparado.

Tum-tum, tum-tum, tum-tum.

Encaro a casa, em desafio. Sou dona da sua atenção. Ela respira compassada, devagar, como quem traga um cigarro e prende o ar no pulmão, saboreando o tabaco o quanto pode aguentar. Ela foca em mim, olhos acesos me chamam para o combate. Ao fundo ouço os primeiros acordes da música que sempre acompanha nosso embate. Luto para não me deixar levar, para não ser arrastada, não sucumbir às suas artimanhas. Apesar do esforço, sou hipnotizada.

Tum-tum, tum-tum.

Me liberto quando ele corre em direção ao grito e o seguro com força pelo braço. Ele se vira para mim em cólera, olhos encovados e boca arreganhada, e grita:

— Me solta!

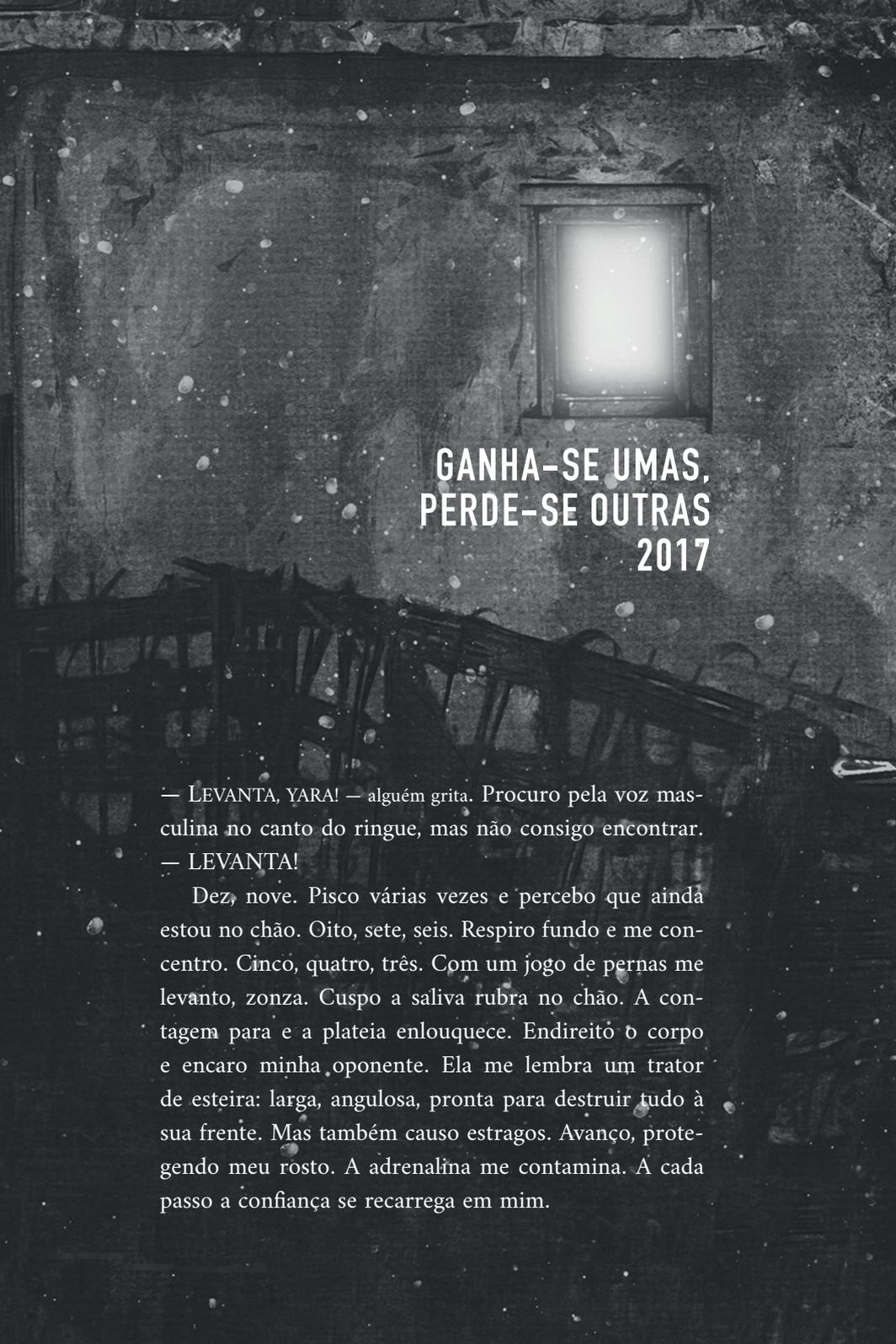
— Você não entende. Não entra aí, ela tá acordada. A menina sabe o que fazer — sussurro.

— Tá louca? É só uma criança.

Tum-tum.

Sou empurrada e desabo no chão. A música toca repetidas vezes na mente, parece um disco quebrado de épocas felizes e coloridas. Balanço a cabeça tentando me livrar da melodia e do chão, volto minha atenção à casa, mas o foco dela é outro. Ela solta o ar devagar e se prepara para inalar a sua próxima vítima.

Tum.

A dark, grainy photograph of a room. In the upper right, a window is brightly lit, casting a glow. Below it, several wooden chairs are overturned and scattered across the floor. The walls are textured and appear to be made of stone or concrete. The overall atmosphere is somber and mysterious.

GANHA-SE UMAS, PERDE-SE OUTRAS 2017

— LEVANTA, YARA! — alguém grita. Procuo pela voz masculina no canto do ringue, mas não consigo encontrar.
— LEVANTA!

Dez, nove. Pisco várias vezes e percebo que ainda estou no chão. Oito, sete, seis. Respiro fundo e me concentro. Cinco, quatro, três. Com um jogo de pernas me levanto, zonza. Cuspo a saliva rubra no chão. A contagem para e a plateia enlouquece. Endireito o corpo e encaro minha oponente. Ela me lembra um trator de esteira: larga, angulosa, pronta para destruir tudo à sua frente. Mas também causo estragos. Avanço, protegendo meu rosto. A adrenalina me contamina. A cada passo a confiança se recarrega em mim.

Eu dou um direto rápido e forte, ela se defende e tenta um golpe de baixo para cima, visando atingir meu maxilar, mas consigo me esquivar. Avanço de novo e desfiro vários socos em seu abdômen. Ela recua e tenta escapar de mim. *Essa é a minha chance.* Vou para cima dela, a cada passada, golpeio com a mão inversa. Um direto, um *jab* e um cruzado. Minha oponente se desestabiliza e me encara, rosto vermelho. Tenta me acertar, porém, leva mais que um segundo. Aproveito. Planto os pés no chão e dou um golpe curto e rápido, em movimento circular. O soco acerta em cheio o queixo dela. Meu corpo se movimenta, como um pêndulo, enquanto a observo se desmanchar em uma poça de suor e sangue no chão. O barulho forte ecoa pelo ringue.

O juiz conta até dez, dessa vez, sem interrupção. Ela continua inerte, diferente da multidão, que grita meu nome. Corro ao redor do ringue, meus dedos se arrastam pelas cordas vermelhas que nos separam. Esse é um dos melhores sons do mundo. Esqueço o cansaço, a dor no olho direito e na costela quando o juiz levanta meu braço. *Campeã!* Tento cumprimentar o trator de esteira, que já se levantou, porém ela vira as costas para mim e deixa o ringue. *Que se dane!* Subo no poste do canto esquerdo do ringue e grito de volta para a multidão. A adrenalina surfa em minhas veias. É a melhor droga que existe.

Demoro até chegar ao vestiário. Em frente ao espelho, analiso os estragos. Depois das lutas, descubro partes do corpo que não aprendi nas aulas de anatomia. Passo a língua pelos dentes e percebo que estão intactos, diferente do lado direito do meu rosto. Ela realmente me acertou com o cruzado de esquerda. Os tons de berinjela começam a despontar sob o olho direito, que já não consigo abrir facilmente. Deslizo a mão pela barriga e perco o ar com a dor aguda, mas sei que não quebrei nenhuma costela. Deito no banco de madeira e deixo minha adrenalina se esvaír.

“Volta para casa, querida!”

A voz é tão real que me sento à procura da sua dona, mas, não há ninguém no cômodo. Fico cabreira e me apresso em sair do vestiário. Passo no caixa.

— Boa noite, Gordo — digo para o homem por detrás do vidro.

— Ah! Que luta, garota! Que luta! Achei que ela tinha acabado contigo naquele primeiro soco, mas... você é foda! Parabéns!

— Obrigada. Que dia posso pegar minha grana?

— Amanhã no final da tarde. Tudo bem?

Concordo com a cabeça.

Devagar, arrasto meus ossos pelas ruas conhecidas e pouco movimentadas da capital em direção à minha casa. A lua vai alta e a madrugada me acompanha. Procuo pelo celular na mochila. Quinze chamadas não atendidas, todas dela. Um arrepio me lambe da cabeça aos pés e retorce a espinha. A voz me volta à cabeça: “Volta para casa, querida”. Meu coração bate devagar, marteladas de um relógio à meia-noite. Tum-tum-tum. Escuto a única mensagem de voz que ela deixou. O medo me faz encolher: “Yara, sou eu. Ya, ele...”, a voz é baixa e triste. Ela pausa, provavelmente tentando conter o choro. Porém, antes de falar, sei o que aconteceu: “Seu avô morreu”.

Congelo quando escuto o final da mensagem. “Volta para casa, querida”. Posso vê-la, a pele branca quase transparente dentro de um vestido preto, aos pés de um caixão pomposo, lágrimas caindo dos olhos vermelhos. Ouço a mensagem de novo, e de novo e de novo, metade para garantir que é real, metade para ouvi-la novamente.

Ele está morto! O pomposo Dr. Adolfo Leão de Oliveira Dante partiu dessa para a melhor. *Na verdade, espero que seja para a pior.* Meu sorriso se ilumina. *Déjà vu.* Para mim, ele já estava morto e enterrado há tanto tempo que a notícia é lugar-comum. Porém, a satisfação desaparece rápido, a simples menção do nome do velho me contamina como um vírus mortal. A noite se torna negra; o antigo ódio pulsa nas veias e ativa memórias que não são bem-vindas. Sou devorada pelas palavras do meu avô.

Você é toda errada, menina.

O sino da igreja bate compassado, eu pulso irregular. As pessoas entram na igreja, mas ele fica e me encara, parece um personagem tirado dos filmes clássicos: cartola, fraque e bengala, até o rosto combina com a cena, aristocrático. O cheiro de charuto impregna o ar. Ele sorri, com desdém, e entorta o bigode preto aparado. As plumas da paineira caem ao redor e tornam tudo mais surreal. Ele se afasta mancando, a mão enrugada segura com firmeza a bengala que tem cabeça de leão dourado. O meu vestido branco baila com as plumas da paineira. O gosto amargo da bile me traz de volta à realidade.

— Você está MORTO! — grito.

— Cala a boca, filha da puta! — alguém berra de uma das casas vizinhas.

Corro o mais rápido que minhas pernas cansadas permitem. O bolo se forma em meu estômago e paro em uma praça. O frio do banco de cimento me acalma. Se fechar os olhos, as plumas ainda bailam ao vento, ao meu redor. Ele pode ter morrido, mas o rancor está vivo aqui. Tento não me alterar. Por fim, me lembro de que preciso ligar para ela. *Minha avó*. A única pessoa que me mantém viva, apesar da distância. Respiro por aparelhos, num coma induzido. Quatro anos, para ser mais exata. Sou um borrão de uma ilustração que uma vez foi bonita, iluminada e cheia de vida. Minha avó permanece como a única peça colorida daquele lugar sem cor, esquecido.

Uma luz se acende em mim. *Talvez, agora que ele está morto, eu possa...* A luz se queima sem ao menos se acender por completo. Dr. Leão não era o único impedimento. Aquela cidade é povoada de rancor, revolta, medo... Nem todas as paletas do mundo conseguiriam dar tom ao que me tornei, do que fujo, a quem magoei ou feri. Não há como voltar.

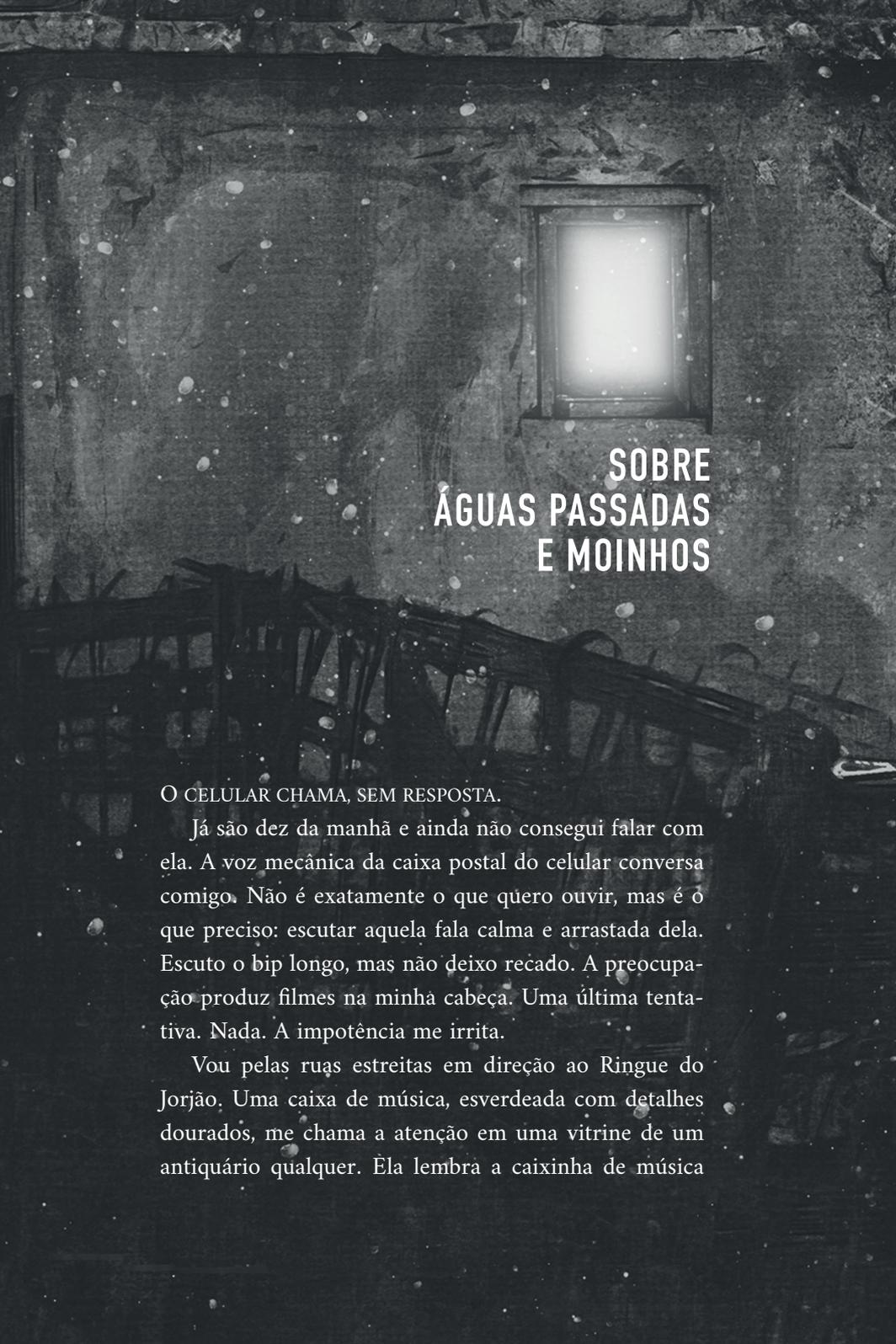
A voz repete o mantra: preciso ao menos ligar para ela. Alcanço o celular na mochila, mas desisto. Há um liquidificador de emoções ligado dentro de mim, muito barulho e pouca lógica. Quero ouvir a voz dela, mas não vou despejar toda essa confusão na pessoa que mais amo no mundo.

Ela não merece.

Um vazio cresce no lugar da euforia pela morte do velho. Meus pensamentos se azedam como o gosto na minha boca. *Preciso comer algo.* Levanto do banco, guardo o aparelho na mochila e vou para casa. Eu me arrasto escada acima, abro a porta, jogo a mochila sobre a mesa e vou até a cozinha. Percebo que a geladeira está tão vazia quanto minha alma. Pego os dois últimos ovos da cartela e faço uma omelete. Devoro a comida e vou para a cama.

— Só mais algumas horas, vó. Eu prometo.



A dark, grainy photograph of a room. In the upper right, a window is brightly lit, casting a glow. Below it, several wooden chairs are overturned and scattered across the floor. The walls are textured and appear to be made of stone or concrete. The overall atmosphere is somber and mysterious.

SOBRE ÁGUAS PASSADAS E MOINHOS

O CELULAR CHAMA, SEM RESPOSTA.

Já são dez da manhã e ainda não consegui falar com ela. A voz mecânica da caixa postal do celular conversa comigo. Não é exatamente o que quero ouvir, mas é o que preciso: escutar aquela fala calma e arrastada dela. Escuto o bip longo, mas não deixo recado. A preocupação produz filmes na minha cabeça. Uma última tentativa. Nada. A impotência me irrita.

Vou pelas ruas estreitas em direção ao Ringue do Jorjão. Uma caixa de música, esverdeada com detalhes dourados, me chama a atenção em uma vitrine de um antiquário qualquer. Ela lembra a caixinha de música

que minha avó me deu e que foi roubada. Percebo que não é a mesma então volto para meu caminho.

Entro na rua do Ringue. Deslizo os dedos pelos cartazes colados na parede da luta de ontem. No pôster, eu e Paulina nos encaramos com braços em postura de desafio e cara de poucos amigos. Só de lembrar, o sangue vibra e o olho direito pulsa de dor. Entro e atravesso a área de treino. Várias pessoas me cumprimentam e aceno para elas de longe.

Vou direto para o caixa.

— Oi, e aí, beleza? Tá com a minha grana?

— Oi, Yara! O Jorge tá te esperando na sala dele.

— Valeu, Gordo.

As minhas botas ressoam pelo corredor longo. Bato na porta, mas não espero ninguém abrir, Jorge foi meu primeiro e único treinador, não temos rodeios. Ele conversa ao telefone, me sento à sua frente e espero terminar a ligação.

— Você está péssima!

O homem alto e forte se levanta e para diante de mim. Leva a mão até meu rosto, mas me afasto o quanto posso de seu contato.

— Obrigada — ironizo.

Ele congela a mão no ar e me interrompe:

— Tomou algum remédio?

— Estou bem, Jorge. Não é a primeira vez que me machuco, né?

Ele bufa, parece resignado. Enfia as mãos nos bolsos e vai até uma mesa de canto. Enche um copo com vodca até quase transbordar e volta para detrás da mesa. Abre a gaveta e tira um envelope pardo.

— Dez mil dólares.

— Caralho! Tudo isso?

— Foi a luta feminina com mais apostas dos últimos cinco anos — ele pausa, beberica a vodca e empurra o envelope, que desliza para mim por sobre a mesa. — Você merece cada centavo. Conta, por favor.

— Confio em você. — Pego o pacote e guardo na minha mochila.

— Vai mesmo embora?

Levanto e caminho até a mesa de canto, encho o copo de vodca e bebo em uma golada só. A bebida queima a garganta e deixa meu rosto vermelho. Labaredas parecem sair do nariz.

— Yara? — Jorge aparece do meu lado, a mão no meu ombro.

— Estou bem — digo, sem encará-lo.

Vou até a cadeira e pego minha mochila.

— Você não me respondeu.

— Sim. Se der, hoje mesmo.

— Então perderei minha melhor lutadora. — Ele estende o braço para mim. Alcanço a mão dele. — Boa viagem. Qualquer coisa, me liga.

— Pode deixar. Obrigada por tudo.

Caminho até a porta e saio sem olhar para trás. Deixo o Ringue e, aos poucos, o alívio se transforma em melancolia. Passo em uma casa de câmbio e troco parte do dinheiro do prêmio. Depois, tento, mais uma vez, ligar para minha avó. O celular está desligado. Reluto em telefonar para o casarão, mas a preocupação me faz ceder. O telefone toca, e toca e cai na secretária eletrônica: “Você ligou para a residência dos Leão de Oliveira Dante, já sabe o que fazer!”, escuto nossas vozes falando juntas, com a risada dela no final.

Nós gravamos a mensagem enroladas no edredom, tomando chocolate quente. A voz arrastada e segura da minha avó é uma das poucas coisas que me lembro da minha infância, o som que me guiava e guia até hoje. Não me lembro do rosto dos meus pais. Minha mãe morreu quando eu era pequena e meu pai sumiu um tempo depois. Minha avó foi quem me criou. Ela é a minha pessoa, quem chamo de “casa” ao fechar os olhos, ou quem quero perto de mim quando me machuco em uma luta. Talvez a única pessoa que me faria voltar para aquela cidadezinha cravada naquele fim de mundo. Digo para mim mesma que não vai ser necessário. Que ela logo vai atender ao telefone e dizer que está tudo bem.

Retorno para casa. No espelho, noto que meu rosto está mais inchado. Passo um pouco de corretivo para esconder as manchas maiores. Arrumo os poucos pertences que tenho dentro da mochila. No bolso da frente, coloco o dinheiro do aluguel e da viagem. Separo o dinheiro do prêmio em três bolos, dois grossos e um mais fino. Coloco os dois maiores no fundo falso da mochila e o outro na lateral.

Penso no futuro. A impressão é de que passei minha vida inteira fugindo. *Quantas vezes mais?* Isso não importa, agora é hora de partir. Algo pisca em minha mente antes de fechar a porta. Quem sabe uma saudade do lugar que chamei de casa nos últimos dois anos? Faço uma varredura pelos cantos do apartamento. *Não vou sentir saudades. Depois de amanhã, não lembrarei mais daqui.*

A porta range pela última vez e mais um ciclo se fecha em minha vida.

Espero mesmo não sentir saudades.

Pelas minhas contas, amanhã estarei à beira-mar. Camarões e *piña colada* povoam a mente. A boca saliva ao pensar no abacaxi misturado com rum. Um assovio se improvisa nos meus lábios. O sino de alguma igreja ressoa com suas doze badaladas.

Ainda tenho a madrugada toda.

À medida que me aproximo do terminal, mais deserta e quieta a cidade fica. Não é um lugar bom para andar de madrugada, porém não tenho medo. As poucas pessoas que cruzam meu caminho passam por mim como fantasmas. Elas não querem ser incomodadas. Eu também não. Pondero entre ir pelo trajeto mais longo ou mais curto. Minha intuição diz para pegar o mais longo, ignoro e vou pela ruazinha estreita. Percebo que é uma péssima escolha quando estou na metade dela.

Alguém me segue sem fazer muito barulho. De repente atravesso para a outra extremidade da rua e a pessoa me imita. Apresso o passo e diminuo até quase parar. Ele faz o mesmo. O vento muda de direção quando giro e encaro meu perseguidor. A pessoa usa um casaco com

capuz, não sei se é homem ou mulher. Jogo a mochila na calçada. A eletricidade corre pelas minhas veias. Os músculos reclamam, ainda se recuperam da luta do outro dia. Ele tira o capuz e se revela. Me surpreendo ao ver Paulina. O rosto dela está tão machucado quanto o meu. Um pouco pior, diria.

— Você tem certeza de que quer fazer isso? — minha voz ecoa pelo asfalto gasto da rua.

Ela não me responde, apenas tira o casaco e joga no chão. *Bem, parece que sim.* Dou um passo e ela hesita. Encara o tênis fixamente. Na cabeça dela deve estar passando um filme, torço para ser um em que ela desista no final. Meus músculos doem de tensão e a cabeça começa a latejar. Ela demora para me encarar. *Droga!* Fecho os punhos, minha pele começa a suar. Um novo round vai começar.

Ela me ataca, com fúria, eu esquivo. Um sorriso involuntário se abre nos meus lábios quando me lembro da frase que minha avó fala com frequência. *A pressa mete a lebre à carreira.* Fico parada aguardando o trator de esteira vir para cima novamente. Ela se aproxima, mão em riste, quase perto demais, certa de que vai me acertar. Só que não levo o soco, desvio e a agarro pelo braço: uso toda a força dela a meu favor e a lanço no asfalto duro. Paulina não faz uma boa aterrissagem.

— Opa! — digo séria. — Desculpa, não foi minha intenção...

— Vai se arrepender, vadia.

Os olhos vermelhos da moça me fuzilam. Não mudo meu semblante. Ela se levanta e, dessa vez, *não corre*, giramos em círculos infinitos, uma esperando pela outra. Ela não tem paciência e ataca novamente. Bato o tanto que meu corpo permite. Paulina não me acerta uma única vez, mas o ar me falta. Estou cansada. *Se ela perceber, estou perdida.* Controlo a respiração.

— O que você quer, Paulina? Revanche?

— Revanche? — Ela cospe no chão. — Você nunca foi páreo para mim, guria. Quero o dinheiro, meus dólares.

Depois de limpar a gota vermelha que escorre do canto da boca, vem para cima de mim. Eu me defendo, porém ela é mais rápida e me acerta no lugar certo, na lateral da barriga. A dor se irradia e eu curvo. Ela não perde tempo e me tira do chão com uma rasteira. Caio de costas no asfalto e é como se um lutador de sumô se sentasse no meu peito. Clamo por ar. Paulina se ajoelha perto de mim e aperta meu abdômen no local machucado. Minha visão fica turva. Volto a mim quando ela me chuta.

— Cadê o resto, putinha do Jorge? — pergunta com um sorriso nos lábios.

Reparo o bolo de dólares na sua mão. O verde da nota reflete nos olhos dela. *Desgraçada.*

— Vai se foder, Paulina.

— Lixo. É o que você é.

Ela cospe em mim e vai embora rindo. A risada varre a rua junto com o vento. Não tenho a mínima condição de ir atrás dela, quanto mais de revidar. Sento na calçada e recupero o fôlego. Um tempo depois me levanto, pego a mochila e me arrasto para a rodoviária. A cadeira desconfortável da plataforma range quando tento achar uma posição para o sofrimento do meu corpo. Confiro os dois bolos de dinheiro que deixei no fundo falso. *Ainda estão aqui.* Tento relaxar, mas tudo arde quando respiro.

O celular toca e quase tenho um treco. Meu coração dispara ainda mais quando penso que pode ser minha avó. Procuo o maldito na mochila — ele parece se esconder de propósito. Um número desconhecido na tela. *Quem me ligaria às duas da manhã?* Normalmente não atenderia...

— Alô!

— Yara? Yara Leão de Oliveira Dante e Lima? — A voz da mulher é calma. *É estranho escutar meu nome completo.* Deduzo que só pode ser da parte da minha avó.

— Sim.

— Meu nome é Rosie, ligo da parte da Sra. Theodora Leão de Oliveira Dante. Seu nome consta no cadastro dela, tentei contato várias vezes... Sua avó se encontra internada no CTI em estado grave. Ela sofreu...

A mulher continua falando, mas tudo segue abafado, distante, como se eu estivesse dentro d'água. Desligo o celular, mas logo ele volta a tocar.

Não atendo.

Lembro da última vez em que vi minha avó na porta do meu quarto antes do casamento. Ela sorria e dizia que tudo ia ficar bem. O choro sobe na garganta, porém nenhuma lágrima cai. *Não adianta fugir. Mais cedo ou mais tarde, a conta chega...*

Preciso voltar.

O motorista chama os passageiros do ônibus que seguem para o litoral.

Levanto e ajeito a mochila. O letreiro do ônibus ao lado pisca palavras conhecidas. Campo das Flores. *Não acredito em coincidências.* Paro entre os dois ônibus. Um, paraíso, o outro, inferno. Um, desconhecido, o outro, nem tanto. Um, fuga, o outro, acerto de contas. Os minutos se arrastam. A rodoviária está submersa comigo, *não consigo mais segurar o fôlego, preciso voltar à superfície.*

Respiro, por fim. Entro no ônibus e não olho para trás.

Ela fez a escolha por mim.

